

Missão Salesiana de Mato Grosso
Rua Barão do Rio Branco, 1811
Campo Grande - MS - Brasil



Pe. Félix Zavattaro

318021
m. 1996

Prezados Irmãos:

Na madrugada de 23 de outubro p.p. chegou inesperado telefonema comunicando a morte do Pe. Félix Zavattaro.

Tinha viajado para a Itália no dia 16 de junho acompanhado pelo Pároco da nossa Paróquia, Pe. Júlio Boffi, com o desejo de encontrar-se com os parentes. Teria voltado para o Brasil após dois meses. Mas o plano de Deus foi outro.

Depois de poucos dias passados com os familiares na cidade natal de Borgo San Martino, começaram os problemas de saúde. Foi internado por uma semana no hospital de Casale Monferrato onde foi submetido a numerosos exames.

Após uns dias de melhora, voltaram as dores e foi novamente levado ao hospital.

Não apresentando-se a possibilidade de uma solução imediata, no dia 5 de agosto foi para Varazze, na Casa Salesiana de repouso à beira-mar, com a esperança de que o clima o ajudasse na sua recuperação.

Foi acolhido muito fraternalmente pela Comunidade Salesiana que acompanhou com dedicação o nosso irmão no seu doloroso calvário.

Mais do que a dor física, o que fazia sofrer o Pe. Félix era a grande

saudade do Brasil e particularmente da sua Campo Grande.

Muitas vezes foi surpreendido com as lágrimas nos olhos.

Freqüentemente repetia: Pretendo voltar ao Brasil o mais rápido possível para não morrer de saudade .

Quando o Pe. Júlio o visitou para ver o que se podia fazer, sentiu muito não poder acompanhá-lo de volta ao Brasil.

Aceitar esta situação foi muito duro, mas, pouco a pouco, se resignou.

Incentivado por todos, para ocupar as longas horas de solidão, começou a escrever as memórias da sua vida missionária. Deixou numerosas páginas ricas de lembranças e de experiências.

Infelizmente, no dia 13 de setembro p.p., o médico que o visitava cotidianamente, percebeu nele os sinais de um derrame cerebral.

Tendo presente a precária situação cardíaca do paciente, ordenou imediato internamento no hospital de Savona.

Pensava-se que esta nova contrariedade gerasse no Pe. Félix um estado de depressão. Graças a Deus isso não aconteceu.

Mas o mal continuou evoluindo e, por causa do derrame, chegou-se progressivamente à paralisação dos movimentos.

O quadro de saúde, que já era grave, piorou porque os rins pararam de funcionar.

Os médicos acharam necessário submeter o paciente à hemodiálise.

Pela gravidade do seu estado, foi convidado a receber o Sacramento da Unção dos Enfermos que ele aceitou, consciente de que, humanamente falando, nada mais podia ser feito.

Nos últimos quatro dias a situação ficou gravíssima e Pe. Félix entrou em estado de coma profundo.

O Pe. João Bosco Monteiro Maciel, ex-inspetor, e o Pe. Bruno Pedron, presentes na Itália, foram visitá-lo.

O doente deu sinal de reconhecê-los.

Voltou para a casa do Pai no dia 23 de outubro p.p., quarta-feira, às 7h30 min, hora local.

O corpo foi transportado para Borgo San Martino, cidade natal, no dia 25 de outubro, e foi velado por algumas horas na Capela do Colégio Salesiano “San Carlo”, cheia de memórias de Dom Bosco, que lá se hospedou e rezou a Santa Missa.

Às 15h30 min, em procissão, foi levado até a Igreja Paroquial onde foi celebrada a Santa Missa, de corpo presente, presidida por Dom José Foralosso, Bispo de Guiratinga (MT - Brasil).

Concelebraram cinco sacerdotes da Inspeção de Campo Grande, numerosos sacerdotes salesianos da Comunidade de Borgo San Martino e de outras comunidades vizinhas e diversos sacerdotes da Região.

Esteve presente também o ex-aluno José Reinaldo Corrêa que viajou expressamente para encontrar-se ainda com o Pe. Félix, seu grande amigo.

Dados cronológicos

Pe. Félix Zavattaro nasceu no dia 12 de maio de 1914, último de sete filhos, em Borgo San Martino, pequena cidade do Monferrato, na região do Piemonte. Foi batizado no dia 13 de maio do mesmo ano.

Seus pais, Giovanni Zavattaro e Felicità Zavattaro eram humildes e laboriosos agricultores, profundamente religiosos.

O lugar onde nasceu é célebre pela presença dos Salesianos, desde o longínquo 1870.

O Colégio S. Carlos, o segundo fundado por Dom Bosco fora da cidade de Turim, ostenta uma gloriosa tradição na história salesiana. Nele o jovem Filipe Rinaldi encontrou-se com Dom Bosco e decidiu entrar na Congregação.

Foi ali que o pai Giovanni, quando aluno, por volta de 1883, conheceu Dom Bosco. Foi encarregado de ler, em nome dos colegas, uma saudação ao Santo, tendo o privilégio de lhe beijar as mãos.

Foi com os Salesianos que fez o seu curso primário, alcançando no certificado final a qualificação de “ótimo” e “bom” em todas as matérias.

Freqüentou assiduamente o Oratório Salesiano cujo diretor, Pe. José Mazzetti, era especialista em suscitar vocações.

Numerosos foram os salesianos que saíram deste Oratório e que se espalharam em diversos países da Europa e da América.

Aos onze anos de idade, depois de ter recebido o sacramento da Confirmação (18-01-1925), entrou para o pequeno seminário salesiano de Foglizzo Canavese.

O Pároco de Borgo San Martino, Sacerdote José Bosco, o apresentou com as seguintes apreciações: “O menino Félix Zavattaro.....tem um bom comportamento, participa do catecismo e do oratório festivo e se aproxima freqüentemente dos Santos Sacramentos”.

Em Foglizzo cursou o ginásio.

A avaliação, no final de cada ano, foi sempre muito boa.

Ao terminar a quarta série ginásial, teve a felicidade de receber a batina clerical das mãos do Bem-aventurado Filipe Rinaldi, na época Superior-Mor da Congregação Salesiana.

Em 1929, fez o pedido para ser missionário.

A mãe, que já tinha perdido o filho José com 10 anos de idade por causa da epidemia “espanhola”, não se conformou com a idéia e obstruiu esta decisão dizendo: “pode tornar-se sacerdote, mas na Itália”.

O pai resolveu a situação dando a desejada autorização, escrita com solenidade em papel timbrado e com a assinatura de duas testemunhas: “Eu, abaixo-assinado Giovanni Zavattaro, vou permitir que meu filho Félix parta para os Colégios Salesianos de Mato Grosso, conforme a sua firme vontade para cumprir a sua missão religiosa e patriótica”.

Ao despedir-se lhe colocou ao pescoço uma correntinha dizendo: “Vai com a minha bênção”.

Essa bênção o acompanhou ao longo de toda a sua vida.

Antes de partir, no dia 26 de junho de 1929, fez o pedido para ser admitido ao noviciado, manifestando o desejo de “entrar na Pia Sociedade de São Francisco de Sales para a salvação da própria alma e para a salvação do próximo”.

Os superiores de Foglizzo, bem como o Conselho Inspetorial, aceitaram o seu pedido.

Em novembro de 1929, com apenas 15 anos de idade zarpar para o Brasil.

Iniciou o seu noviciado em Lavrinhas (SP) no dia 27 de janeiro de 1930.

No dia 8 de dezembro, Festa da Imaculada, fez o seu pedido para se “alistar nas fileiras dos filhos de Dom Bosco” e oferecer a sua vida para “a maior glória de Deus”.

Fez a sua primeira profissão religiosa no dia 28 de Janeiro de 1931.

Completo seus estudos de filosofia em Lavrinhas (SP).

Em 1932 foi destinado ao Ginásio Anchieta de Silvânia (GO) para o tirocínio, onde teve como diretor Pe. João Pian.

Em 1933 foi enviado ao Colégio Salesiano de Santa Teresa de Corumbá-MS. Seu diretor foi o Pe. Francisco Czaplá, figura extraordinária de salesiano que marcou profundamente o jovem clérigo.

Mais tarde, numa entrevista feita ao Boletim Informativo caracterizará Pe. Francisco como uma figura “inesquecível e inigualável” e declarará que se esforçou por “imitá-lo durante décadas seguidas”.

Em 1935 foi reconduzido ao Ginásio Anchieta de Silvânia-GO.

Em 1936 foi enviado para Roma, onde iniciou os estudos teológicos na Pontifícia Universidade Gregoriana.

Durante o 1º ano de teologia, fez o pedido para ser admitido aos votos perpétuos.

As referências do Padre Inspetor do Mato Grosso eram ótimas e assim a aprovação foi unânime.

No dia 25 de janeiro de 1937, na Igreja do Sagrado Coração de Jesus em Roma, fez a sua profissão perpétua.

Durante este período de estudos, além de aprofundar as disciplinas teológicas, se interessou para preparar-se ao apostolado.

Afirma na entrevista citada: Eu lia assiduamente uma revistinha dos irmãos Maristas, dedicada ao ensino da catequese. Essa revista me ajudou imensamente após minha ordenação sacerdotal, propiciando-me as mais belas experiências didáticas da minha vida, na Itália, em Portugal e no Brasil .

Ao longo dos estudos, regularmente apresentou os pedidos para receber as sagradas ordens, sendo sempre admitido.

No dia 11 de março de 1940, no pedido para a Ordenação Presbiteral, escreveu: “O coração é perturbado pela angústia e o medo”. Brotam espontâneas nos lábios as palavras do salmo: “Senhor, que é o homem, para dele assim vos lembrades e o tratardes com tanto carinho?”

E reconheceu que as maravilhas de Deus acontecem em nós não pelos méritos das nossas obras, mas segundo os desígnios da misericórdia e bondade do Senhor.

Recebeu a Ordenação Presbiteral no dia 23 de março de 1940, na Basílica de São João de Latrão, pela imposição das mãos de Dom Luigi Traglia.

No mesmo ano concluiu os seus estudos com a licenciatura em Teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana.

Enquanto esperava a liberação do passaporte para voltar ao Brasil, foi enviado como diretor dos estudos, ao Instituto Cardeal Cagliero, de Ivrea, no norte da Itália, onde permaneceu durante 18 meses.

Quando em novembro de 1941 recebeu o passaporte, deixou a Itália e embarcou para Lisboa, Portugal.

Mas os acontecimentos no cenário mundial se complicaram com o ataque japonês a Pearl Harbour.

O Brasil entrou em guerra e o Pe. Félix teve de esperar seis longos anos em Portugal, para conseguir o visto.

Durante este período morou e ensinou teologia na casa salesiana de Estoril.

Mais tarde lembrando este tempo disse: “Foram anos de experiências inesquecíveis, como sacerdote, capelão itinerante e como salesiano... Nesta cidade (Estoril) conheci o Rei Humberto II, da Itália, quando ali foi exilado, com a esposa, a Rainha Maria José, e os Duques de Gênova, após a proclamação da República da Itália. Fui encarregado de ministrar lições de língua portuguesa aos Duques, bem como a outros ilustres italianos de passagem para o Brasil”.

Durante o tempo de permanência em Portugal, dedicou-se com esmero ao ensinamento da Teologia.

Quando voltou ao Brasil, em 1947, depois de onze anos de ausência, foi destinado, pela obediência, ao Ateneu Dom Bosco de Goiânia, que na época pertencia à Inspetoria de Campo Grande.

No ano seguinte, em 1948, foi nomeado diretor do Ateneu e colocou todo esforço para melhorar o nível dos estudos, adotando uma série de medidas renovadoras.

O resultado foi extraordinário e o esforço foi reconhecido por ocasião do encerramento do ano letivo.

Alcançou tudo isso com o apoio dos Salesianos que com ele formavam a Comunidade.

Em Goiânia, com a ajuda do Cl. João Falco, lançou as bases do futuro Museu Dom Bosco.

Este período glorioso se concluiu para o Pe. Félix no dia 1º de Janeiro de 1950, quando o Ateneu Dom Bosco foi entregue à Inspetoria de Minas Gerais.

Nesta passagem o Museu foi transferido para Campo Grande.

O Pe. Félix assumiu naquele ano a Direção do Colégio Dom Bosco.

Um fato o preocupou em modo particular.

No início do mandato de diretor teve de assinar um grande número de transferências, porque o Colégio Dom Bosco não dispunha de cursos noturnos.

Quando estes foram abertos, por iniciativa sua, o número dos alunos teve uma ascensão progressiva.

Seguiram-se anos de luta e intenso trabalho.

Surgiu também a idéia de fundar uma faculdade de filosofia.

Foi feito o pedido ao Conselho Federal de Educação, mas o projeto não foi aprovado por falta de professores titulados e por falta de instalações físicas adequadas.

Com a autorização da Inspetoria, logo foi iniciada a construção de um novo prédio.

Foi também enviado à Itália o Pe. Walter Bocchi para conseguir o título de doutor em filosofia.

Enquanto isso, prosseguiram os esforços para aumentar o número de alunos, melhorar o nível dos estudos, ampliar os cursos existentes e consolidar o Museu Dom Bosco, idealizado como órgão complementar da futura faculdade de filosofia.

Em 1952, Pe. Félix foi eleito Delegado Inspetorial para o capítulo geral da Congregação.

Em 1955, terminando o seu primeiro mandato de diretor do Colégio Dom Bosco de Campo Grande, recebeu a obediência para trabalhar no Instituto Pio XI, no Alto da Lapa, São Paulo-SP.

O ano de 1956 foi definido por ele “tempo de intensa e estonteante atividade”.

Entre outras coisas fez o curso de pós-graduação na Faculdade Teológica Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo.

Em 1957 foi nomeado diretor do Colégio Salesiano Dom Henrique, de Lins-SP.

Teve de lutar muito, com a equipe dos salesianos que trabalhavam com ele, para colocar o colégio em destaque ao lado de outros que na cidade gozavam de grande prestígio.

Na entrevista ao Boletim Informativo faz uma observação que merece ser tomada em consideração: “Apraz-me destacar... a valiosíssima colaboração do Dr. Cleómenes Nunes da Cunha, que atuou como secretário em Lins e, mais tarde, em Campo Grande. O nome do Dr. Cleómenes está ligado profundamente à Enciclopédia Bororo e às futuras Faculdades Dom Aquino de Filosofia e de Direito de Campo Grande”.

Em 1958, o Pe. Ângelo Venturelli, retomando nas mãos o projeto da Faculdade de Filosofia, solicitou a presença do Pe. Félix. Também sua Ex.^{cia} Rev.^{ma} Dom Antônio Barbosa se interessou do assunto.

Os três se encontraram no Ministério da Educação, no Rio de Janeiro e deram entrada a um novo processo de autorização de funcionamento.

Em 1961, a pedido do Senhor Inspetor Pe. João Greiner, assumiu

novamente a direção do Colégio Dom Bosco com o objetivo de terminar a construção do prédio e de orientar a criação da Faculdade de Filosofia. Neste trabalho foi coadjuvado pelo Pe. Ângelo Venturelli que ficou responsável pela parte burocrática e social, enquanto o Pe. Félix se preocupou em preparar o Regimento Interno.

Neste mesmo ano foi aberta a Faculdade Dom Aquino de Filosofia, Ciências e Letras, com apenas dois cursos iniciais: Letras e Pedagogia.

Em 1963 houve uma divergência de opinião entre ele e o Pe. Inspetor.

Diante desta situação o Pe. Félix renunciou aos cargos de Diretor do Colégio Dom Bosco e das Faculdades Dom Aquino.

Foi um momento difícil, de grande provação, mas soube suportá-lo com força de espírito.

Continuou morando no Colégio Dom Bosco e ocupou o seu tempo cuidando da Biblioteca.

Em 1964 o Sr. Arcebispo de Campo Grande, Dom Antônio Barbosa, recorreu ao Pe. Inspetor para que os Salesianos ajudassem na manutenção da Rádio Educação Rural.

Pe. Félix sugeriu que também o Jornal do Comércio, de propriedade da Arquidiocese, fizesse parte do acordo. E assim aconteceu.

Pe. Félix começou então a ocupar-se com o Jornal do Comércio e o Pe. Ângelo Venturelli com a Rádio Educação Rural.

Como responsável do Jornal, encontrou muitas dificuldades, principalmente por causa das condições políticas do país.

Em 1965 chegou ao ouvido do Pe. Félix que os Batistas queriam abrir a Faculdade de Direito em Campo Grande.

Guiado pela vocação evangelizadora e confiante na providência divina, entrou em contato com o Pe. Inspetor, o Pe. Leonardo Jacuzzi, indagando se ele se responsabilizava perante as autoridades superiores, pela criação de mais uma faculdade.

Diante da resposta afirmativa, publicou no Jornal do Comércio a manchete: Salesianos abrem Faculdade de Direito em Campo Grande.

Com essa notícia no Jornal, os Batistas renunciaram à sua idéia e a Faculdade de Direito é hoje um dos esteios da Universidade Católica Dom Bosco.

A atividade do Pe. Félix continuou intensa ao longo dos anos.

Ocupou o cargo de Diretor Técnico e Redator do Jornal do Comércio até o ano de 1970.

Foi membro do Conselho Estadual de Educação do Estado de Mato Grosso nos anos 1964-1965; 1977-1978.

Ocupou o cargo de Diretor-Geral das Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso nos anos 1972-1975.

Foi membro da Academia de Letras e História de Campo Grande - MS, ocupando a cadeira nº 7, cujo patrono é José Mesquita.

Cooperou na fundação e foi o primeiro Diretor do Curso de Teologia do

Regional-Oeste da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (1977).

Foi membro do Conselho Indigenista da Fundação Nacional do Índio, na qualidade de suplente, durante dois biênios (1978-1982).

Foi membro do Conselho Estadual de Cultura, do Estado de Mato Grosso do Sul (1979-1987). Neste setor ocupou o cargo de Vice-Presidente até o ano de 1982.

Em 1980 foi também membro do Conselho da Ordem do Mérito de Mato Grosso do Sul.

No dia 23 de junho deste mesmo ano recebeu a Grã-Cruz da Ordem.

Em 23 de agosto de 1983 foi-lhe outorgado o Título Honorífico de Cidadão Campograndense.

Dez anos antes, em 20 de setembro de 1973 já tinha sido homenageado com o Título Honorífico de Cidadão Mato-grossense.

No dia 14 de dezembro de 1993 recebeu o título de Cidadão Sul-mato-grossense.

A última homenagem foi no dia 04 de dezembro de 1995 quando recebeu o Título de Doutor "Honoris-Causa" da Universidade Católica Dom Bosco.

Uma das atividades que o ocupou constantemente foi a do ensino. Foi professor na Faculdade Dom Aquino de Filosofia, Ciências e Letras; na Faculdade de Direito e Faculdade de Ciências Econômicas.

Até os últimos meses de sua vida foi professor de Sagrada Escritura no curso de Teologia Pastoral para leigos.

Não se limitava aos conhecimentos gerais, mas todas as suas aulas eram preparadas com estudo e empenho extraordinários, até roubando horas ao sono.

Uma de suas maiores preocupações foi a organização da Biblioteca Dom Bosco de Campo Grande que hoje conta com 168.524 volumes.

Na entrevista ao Boletim Informativo declarou: "Dediquei minhas melhores energias à organização e consolidação da Biblioteca Dom Bosco. Não sozinho, porém. Conteí com a colaboração e boa vontade de muitos ecônomos que passaram pelo Dom Bosco e com a valiosa contribuição de numerosas auxiliares e excelentes bibliotecárias formadas".

Ficou como Diretor da Biblioteca Dom Bosco até o fim de sua vida.

Sua Personalidade

Depois de termos apresentado a intensa atividade do Pe. Félix, podemos fixar o nosso olhar sobre a sua pessoa, colocando em evidência algumas qualidades que fazem resplandecer melhor a sua rica personalidade.

"Transparecia nele a simplicidade, a modéstia, a humildade, a solidariedade, o amor ao trabalho, e principalmente sua profunda religiosidade.

Do alto de sua fina educação e do seu cabedal enorme de conhecimentos, nunca faltou com a palavra de conforto, amizade e incentivo para aqueles que o procuravam.

Fiel aos seus princípios, destacou, entre as suas muitas virtudes, a lealdade. Jamais faltou, nas horas alegres ou difíceis, a ajuda e solidariedade a seus amigos e colaboradores, a ponto de, em certa ocasião, na defesa de um de seus amigos, correr o risco de perder a própria liberdade.” (Discurso proferido pelo Deputado Cleómenes Nunes da Cunha por ocasião da entrega do título de cidadania Mato-grossense ao Pe. Félix).

Em Pe. Félix destacou-se uma característica tipicamente salesiana: o seu coração oratoriano.

Fiel à inspiração e aos princípios de São João Bosco, dedicou sempre um carinho e uma especial atenção ao oratório festivo.

Abria os portões do Colégio Dom Bosco, acolhendo mais de oitocentas crianças que recebiam, a um só tempo, carinho, educação, religião e diversão...

Sua segura orientação, sua bondade, sua boa vontade, neste ambiente oratoriano, incidiam profundamente no coração dos jovens, tornando-os “bons cristãos e honestos cidadãos”. (Discurso citado).

Apesar de tantas atividades, soube dedicar uma atenção toda especial à causa dos índios.

Embora em Campo Grande, distante das Missões indígenas, Pe. Félix sempre se preocupou com o problema. Inspirou então, a criação do Museu Regional Dom Bosco. De duas modestas salas, veio o Museu ampliando-se até que, nos dias de hoje, chega a ser considerado um dos mais importantes, no campo etnográfico, no mundo e o mais completo...no que se refere à tribo Bororo. (Discurso citado).

Esta “paixão” para o Museu tem as suas raízes na infância do Pe. Félix. No Colégio San Carlo de Borgo San Martino, onde iniciou os seus estudos, havia um pequeno museu com coleções de flores e de pássaros, onde o pequeno Félix freqüentemente se entretinha contemplando aquela exposição.

Não satisfeito com a organização do Museu, apoiou a criação da “Enciclopédia Bororo”, obra hoje em seu quarto volume e que projetou de maneira espetacular, Mato Grosso, no Brasil e o nosso país no Mundo.

Todavia não cuidou apenas de documentar a cultura dos índios...mas os ajudou através de numerosas campanhas....arrecadando material, tecidos e remédios. (Discurso citado).

Um aspecto da personalidade do Pe. Félix que não pode passar despercebido é a sua vasta cultura.

No seu “Curriculum Vitae” é amplo o elenco dos diplomas recebidos, dos cursos de extensão e aperfeiçoamento freqüentados, de estudos especializados sobre determinados assuntos, de artigos em jornais e revistas, de cursos e conferências.

Rica foi a experiência adquirida no magistério superior em numerosas disciplinas.

A vasta cultura era favorecida pelo conhecimento de numerosas línguas. Falava Português, Italiano, Espanhol, Francês, Latim; lia Inglês, Alemão, Grego Clássico.

A sapiência, a cultura e o conhecimento não conseguiram ofuscar o homem sensível que a todos encantava e cuja modéstia, ornamento maior de sua figura esplendorosa, era para todos verdadeira lição de vida. (Discurso proferido pelo Dr. Cleómenes Nunes da Cunha por ocasião do Título de "Doctor honoris causa" outorgado ao Pe. Félix pela Universidade Católica Dom Bosco).

O próprio Pe. Félix não se orgulhava do seu saber, mas humildemente confessava: "A ti Missão Salesiana de Mato Grosso, devo o que sou e o que fui".

Penso que a força propulsora que o sustentou em tantos empreendimentos, ao longo de tantos anos, foi o seu grande otimismo. Quando lhe foi pedido que fizesse uma avaliação dos 100 anos da presença salesiana em Mato Grosso assim respondeu: "Os salesianos escreveram páginas luminosas na história do Estado: nos campos da educação, das missões indígenas e da assistência religiosa". Em relação com o futuro assim declarou: "O futuro eu antevejo igualmente radioso e promissor, sob a égide da presença maternal da Virgem Auxiliadora e de Dom Bosco".

Quando lhe foi perguntado se sentia-se realizado, sem hesitação respondeu: "Sinto-me realizado, pela graça de Deus".

À conclusão da entrevista, como um patriarca, deixou esta mensagem: "que os jovens salesianos se inspirem nas grandes figuras de salesianos que com o suor e o sangue regaram as terras Mato-grossenses plantando uma vigorosa semente do Reino de Deus".

Muito oportunas são as declarações que Sua Excelência Dom Vitório Pavanello, Arcebispo de Campo Grande, fez por ocasião da morte do Pe. Félix: "Por mais que procuremos as palavras, são sempre pobres e aquém da altura dos méritos do Pe. Félix, quando queremos falar dele, sob a dimensão da salesianidade, da vida sacerdotal e cultural em bem e a serviço do povo, sobretudo campo-grandense".

Foi o pioneiro das obras universitárias em Campo Grande.

Sua vasta cultura e sua visão aguda souberam ler muito bem os sinais dos tempos, desafiando-se a si mesmo e aos outros para a aventura universitária, a serviço da juventude e da cultura cristã, considerada temerária para muitos naquele tempo.

Hoje vemos que ele tinha razão. Era um homem de grande visão.

Muito também lhe deve a Igreja de Campo Grande e as dioceses dos dois Mato Grosso pela contribuição inestimável à formação dos seminaristas como professor no ITEO por muitos anos, forjando nos estudantes de Teologia um amor pela pessoa de Cristo, para com a Igreja, incutindo em todos responsabilidade pastoral.

Era considerado o melhor professor na sua especialidade.

Torne-se ele um dos grandes intercessores por todos nós, especialmente pela UCDB, afim de que ela caminhe sempre para o bem da Igreja e de todos aqueles que vivem e estudam nesta Universidade e no Colégio Dom Bosco, pupila dos seus olhos e objeto dos seus sonhos que se tornaram realidade.

Sua Ex.^{cia} Dom José Foralosso, Bispo de Guiratinga (MT) na homilia durante a S. Missa de corpo presente assim falou: “Pe. Félix foi o pioneiro, sempre atento aos sinais dos tempos, o Sacerdote Salesiano que soube irradiar o Espírito de Dom Bosco ao longo de toda a sua vida, o trabalhador incansável. Pe Félix era humanamente muito sensível; vivia em comunidade sentindo o calor da presença dos irmãos; ele, por sua parte, fazia crescer a comunidade com a riqueza do seu coração.

Sentia também os afetos familiares: para rever a irmã, os sobrinhos e os parentes...enfrentou longa viagem e, sem saber, chegou na sua terra natal onde terminou o ciclo de sua vida”.

Uma vida tão operosa, marcada de sabedoria e modéstia, de dedicação aos jovens e de entusiasmo, foi apagando-se no sofrimento, no silêncio e na oração.

No diário que escreveu durante os dias passados no hospital deixou esta oração: “Nas tuas mãos, Senhora, entrego o meu espírito, a minha pessoa, as minhas coisas, os meus parentes, os teus devotos, todos”.

E comentava: “Esta oração me acompanhou na longa peregrinação da minha vida e me foi de valiosíssimo auxílio, conforto e segurança”. (Artigo do Pe. Dante Caprioglio).

O Diretor da Casa de repouso de Varazze Sac. Lívio Mazzolo concluiu a carta com a qual comunicava a morte do nosso querido Pe. Félix com estas palavras: “Nós, irmãos de Varazze estamos contentes por ter encontrado o Pe. Félix e por ter recebido, através do seu comportamento, preciosas lições de vida”.

Nós também nos sentimos felizes por tê-lo conhecido e apreciado e participado da sua amizade.

Quando foi sepultado no túmulo da Família Zavattaro, carregou consigo, além do crucifixo e do rosário, a fotografia da Universidade Católica Dom Bosco e do Museu Dom Bosco. Que do céu continue amando e abençoando estas obras “pupila dos seus olhos e objeto dos seus sonhos”.

Depoimentos

No “Informativo Dom Bosco” publicado depois da morte do Pe. Félix, lemos: “Escrever sobre a vida deste grande salesiano sem cometer erros é algo bastante difícil. Sua vida foi uma verdadeira história, repleta de realizações, sempre pautada de simplicidade e disciplina...”

Para conhecer melhor a poliédrica figura do Pe. Félix penso que seja muito útil apresentar os depoimentos de pessoas que viveram com ele ou dele conservaram uma profunda lembrança:

“Pe. Félix era meu grande amigo, era o meu tradutor fiel dos documentos mais importantes vindos do centro da cristandade e de outras correspondências vindas ou enviadas em língua estrangeira. Sempre o fez com muita dedicação e amor. Eu o admirava por essa sua delicadeza para comigo, mas muito mais pelo seu exemplo de vida salesiana, apostólica e cultural.

Sem dúvida perdemos uma das mais fulgurantes inteligências do nosso Estado de Mato Grosso do Sul. A profundidade do seu saber se misturava com a

simplicidade e humildade da sua vida. Era um verdadeiro santo para os meus olhos. Admirava nele o amor pela Congregação e a fidelidade ao Magistério da Igreja. Algumas vezes me confidenciava idéias ou reflexões teológicas que gostaria de apresentar, mas que poderiam causar impacto no ambiente eclesial e teológico. Preferiu sempre caminhar na comunhão com a Igreja docente, escondendo as suas idéias e ensinar o que a Igreja propõe. Foi realmente o servo bom e fiel. Certamente Deus lhe concedeu uma recompensa e bem grande no céu.

Todos lamentamos muito a perda desse ilustre e benemérito salesiano, verdadeiro herói dos nossos tempos, apóstolo da cultura e da educação.

Deus o tenha na glória dos santos, com Nossa Senhora Auxiliadora, Dom Bosco, todos os Santos Salesianos e com todos aqueles que ele conduziu para o céu, mediante o seu ministério sacerdotal e salesiano .

Dom Vítório Pavanello
Arcebispo de Campo Grande

Considero Pe. Félix Zavattaro como o meu pai e mestre. Eu o conheci em 1941, na cidade de Ivrea, onde ele passou um tempo depois de sua ordenação sacerdotal e antes de sua ida a Portugal. Tive a sorte de tê-lo como Diretor em 1950 em Campo Grande, onde aprendi a amá-lo e estimá-lo pelos seus dotes de inteligência, de bondade e de salesianidade.

Em 1957 o encontrei em Lins, onde ele era Diretor e eu Ecônomo daquela casa e vivi com ele por mais cinco anos. Minha admiração e meu afeto pela sua pessoa se reforçaram e nunca fiquei decepcionado com ele e com suas posturas.

Que posso dizer a seu respeito?

De sua inteligência e cultura: nos meus sessenta anos de vida salesiana, na Itália e aqui no Brasil, encontrei muitos salesianos ilustres e famosos. Pe. Félix está, para mim, entre os melhores.

De sua vida religiosa: o conhecemos nos tempos de glória e também nos tempos tristes da provação (Pe. Félix sofreu muito e foi muito injustiçado). Nunca deixou-se elevar pelo orgulho do sucesso, e também nunca manifestou sua revolta pelas injustiças. Sofreu e triunfou com o equilíbrio do homem de Deus. Convivi com ele e me considero um seu confidente e nunca me deu motivo de dúvida de sua virtude e humildade: sempre obediente, pobre e casto.

De sua postura como diretor: Salesiano cem por cento, respeitoso da personalidade de seus irmãos, aberto ao progresso pedagógico e educativo (foi o pioneiro em muitas coisas), amado, estimado e respeitado por todos os Salesianos de sua equipe e pelos professores e alunos de seu colégio em Goiânia, em Campo Grande, em Lins.

Pe. Félix será no meu entendimento, um dos grandes Salesianos que a Missão Salesiana de Mato Grosso tem para apresentar em sua história.

Pe. Ariento Domenici

“O Pe. Félix marcou indelevelmente sua passagem como diretor do colégio Dom Bosco de Campo Grande no áureo período em que, vindo de Goiânia, onde deixara um Colégio florescentíssimo, sem pessimismo nem tardias lágrimas, entregou-se, corpo e alma, à direção do grande Colégio que lhe era confiado.

Sabia unir os irmãos, dirigir sem ser impositivo ou coarctador; valorizava as aptidões e esforços de todos e, dono de inteligência e liderança notáveis, além de aumentar o número de alunos e tornar o Dom Bosco a grande família da juventude campo-grandense que ali se formava no estudo, na piedade e nos esportes, lançou os alicerces da futura Universidade Salesiana.

Sabia formar uma equipe unida e dinâmica, comunidade de fato educativa, onde o estudo, a piedade, o esporte prendiam o dia todo os alunos ao Colégio.

Representações teatrais, operetas, magníficas festas esportivas, manifestações religiosas que atraíam e edificavam a cidade, companhias religiosas, campeonatos, cantos e polifonias...esta era a vida do Colégio dirigido sábia, inteligente e silenciosamente pelo Pe. Félix.

A partir do venerando e saudoso Pe. Francisco Czapla, professor, confessor, mestre de banda, encarregado das manifestações esportivas até ao tirocinante recém-chegado, todos trabalhávamos entusiasticamente, alegres e generosos, secundados sempre pelo Pe. Diretor o qual, como esperto garimpeiro, lá onde outros pessimistas só enxergavam ganga, sabia tirar ouro do mais puro quilate.

Basta lembrar que, a convite do Pe. Félix, o Pe. Czapla, ultra sexagenário, aceitou ir a S. Paulo para participar de um curso de professores de Educação Física, para abrilhantar as festas do Colégio.

Aos poucos salesianos daqueles saudosos tempos da direção tão inteligente e humana do Pe. Félix, às levas de ex-alunos que guardam sua figura de varão bondoso e inteligente, há de perdurar, envolta na saudade e na prece, a personalidade nobre, serena e amável do Pe. Félix, diretor conforme o espírito de São João Bosco”.

Pe. Pedro Cometti

“Sentire cum Ecclesia”, “Sentir, viver com a Igreja” foi uma das inúmeras facetas da incomum personalidade do padre Félix Zavattaro, salesiano, sacerdote, mestre, superior e amigo fiel. Estudioso apaixonado da Sagrada Escritura e do Direito Canônico, permitia-se analisar, com sua privilegiada inteligência e perspicácia, passagens e artigos de controvertida interpretação. Intimamente convicto de suas conclusões, às vezes conflitantes com as do Magistério, renunciava a seu ponto de vista, fiel ao “Sentir e viver com a Igreja”.

Esse “Sentir com a Igreja” foi-lhe causa de profunda tristeza quando a Missão Salesiana de Mato Grosso foi forçada a abandonar a direção do Seminário Menor da então Diocese de Campo Grande. Humilde, mas firmemente, lembrava a atitude de

São João Bosco que, durante sua vida, encaminhava para vários seminários diocesanos, centenas de jovens. Lamentava, com tristeza, o inevitável acontecido e, anos depois, alegrava-se com a ordenação sacerdotal dos padres Fabiano e Ubajara, exemplares ex-alunos do seminário.

Falar do Pe. Félix, é repetir o que muitos sabem e todos confirmam: nobre no trato, reservado, culto, estudioso, apaixonado pelo ensino que ministrava com competência, responsabilidade e amor.

Já na velhice, solicitado orientador espiritual e sábio confessor, derramava, no coração dos que a ele recorriam, a graça de Deus, o cáldo conselho e apontava os caminhos da perfeição e da ascese cristã. Prudentíssimo, sabia descobrir, naqueles que o procuravam, as fraquezas da humanidade e a semente das virtudes que exigia se amassem e se cultivassem. Amou o Brasil, o Centro-Oeste que enobreceu com suas atividades. Num cartão postal, recebido depois do falecimento, ele deixa entrever a sinceridade de uma extraordinária sensibilidade: “Saudades é o que eu tenho daí, do senhor, de todo o mundo na esperança de um pronto regresso”. Deus não permitiu o “pronto regresso”, mas nos consola - tenho certeza - com o ingresso do incomparável sacerdote na glória que não tem fim”.

Tirado do “Informativo Diocesano” - Dezembro (1996 pg.06).

Pe. Ângelo Jayme Venturelli

Eú não convivi com o Pe. Félix, mas nos encontros ocasionais que tive com ele, sobretudo no Colégio Dom Bosco de Campo Grande, pude aquilatar a grandeza espiritual desse nosso irmão.

O nível superior de sua inteligência me inibia e me mantinha um pouco à distância. Mas sempre o admirei pela pontualidade e circunspeção nos atos da comunidade e a facilidade e acume com que abordava as questões mais complicadas.

Agradou-me uma sua explanação sobre o Apocalipse abordando o trecho que fala sobre a mulher vestida de sol, coroada de estrelas e tendo a lua sob os pés. Analisou bem o texto, o que se referia a Maria e o que se referia à Igreja.

Sempre o admirei no amor à Inspetoria, a partir da divisão, quando optou por ficar em Mato Grosso. Depois a sua luta pela Rádio Educação Rural, o Jornal do Comércio, a Biblioteca do Colégio Dom Bosco e a instalação da FUCMT e da UCDB.

Quando do sepultamento do Pe. João Pian, usando a palavra o Pe. Tomás Ghirardelli, disse que o Pe. Pian tinha tombado como um grande jequitibá. Saindo do cemitério em companhia do Pe. Félix, ele comentou: “O Pe. Pian cumpriu a sua missão e tombou como um herói. Cabe a nós agora realizar a nossa missão. Será que a cumpriremos bem?”

Toca a nós constatar que de fato o Pe. Félix realizou a contento sua missão. Caiu como um grande jacarandá. Morreu na brecha, como queria Dom Bosco. A sua figura constitui uma página gloriosa na história da Missão Salesiana de Mato Grosso.

Pe. José Motta

Há pessoas que passam pela vida e deixam marcas; outras marcam deixando a vida.

Pe. Félix foi uma pessoa que passou e deixou marcas com sua vida.

Convivendo com Pe. Félix, aprendi muitas coisas. Uma, porém, que me marcou muito foi a sua capacidade de adaptar-se às pessoas mais simples, sobretudo, às crianças. Lembro-me, concretamente, quando trabalhávamos no oratório do Colégio Dom Bosco, como ele celebrava com entusiasmo a Missa para as crianças e tinha uma capacidade de fazer-se entender através de suas histórias muito bem preparadas e contadas. Não era fácil prender a atenção de mais de 400 crianças. Pe. Félix conseguia isso muito bem.

Pe. Arlindo Pereira de Lima

Conheci o Pe. Félix Zavattaro, no fim de 1934, em Bom Fim, hoje Silvânia-GO. Ele era tirocinante no Ginásio Anchieta. Eu entrei como aluno interno, em 03 de novembro. Passei as férias preparando-me para o exame de admissão ao ginásio. O Cl. Félix Zavattaro era meu professor de aritmética. Em 1936, na metade do ano, ele foi, juntamente com o Cl. Francisco Sersen, para Roma, para estudar Teologia na Gregoriana. Eu me recordo bem do Cl. Félix Zavattaro. Era assistente dos maiores. Entre os vários clérigos, que trabalhavam em Bom Fim, ele era o mais aristocrático e intelectual. Apresentava-se impecável, tanto no vestir-se, sempre muito limpo, como no trato com os outros, mesmo com os alunos. Chamava-nos a todos de “senhor” e era muito mortificado no falar, sempre digno e dignificante.

Passavam-se os anos. Em 1952, ele já sacerdote experimentado, e eu recém-ordenado apenas, encontramos-nos, em Campo Grande: ele era Diretor do Colégio Dom Bosco e eu conselheiro do internato. Trabalhamos juntos, naquele ano. Foi muito gratificante para mim, viver as primícias de meu sacerdócio, na direção e companhia do Pe. Félix Zavattaro. Ele conservava sempre aquele ar de aristocrático, mas muito mais maduro humana e salesianamente. Relacionava-se muito bem com todo o alunado, como também com o mundo eclesial, civil e militar. Era respeitado por todos. Naqueles idos, nós, salesianos do Colégio Dom Bosco, vivíamos a agonia do Internato. O Colégio já tivera para além de duzentos internos; agora estava com seus pouco mais de sessenta. O externato, porém, vicejava sempre mais: estava superando os quinhentos e prometia muito mais. Foi quando a equipe do Pe. Félix Zavattaro pretendeu salvar o internato, separando-o do externato. E construiu-se o bloco, hoje situado ao longo da Rua 14 de Julho. Quando cheguei, em 1952, o prédio estava em fase de acabamento. Mas já na metade daquele ano, constatamos que a salvação do internato, se existia, estava na sua total separação do externato. Coincidência, ou não, vinha de abrir-se um bairro novo, na periferia de Campo Grande: o Bairro de Santo Antônio. Ofereceu-se uma quadra aos salesianos que não somente aceitaram, mas adquiriram mais um quarteirão, para situar o futuro internato do Colégio Dom Bosco. Essas quadras, hoje formam o conjunto denominado Paulo VI.

Assim foi o Pe. Félix: por onde ele passava, acendeu esperança, plantou

renovação, deu vida nova.

Mas a vida passou e os tempos mudaram. Diante da inusitada e geral renovação o Pe. Félix, como que não tivesse pernas para acompanhar, fechou-se em sua Biblioteca, que ele enriqueceu enormemente. O valor da Biblioteca não está sobretudo no acervo de seus livros; mas principalmente no acesso aos conteúdos desses livros. E o Pe. Félix Zavattaro, com trabalho assíduo, inteligente e apaixonadamente dedicado pôs os conteúdos desses muitos livros, dessas diversas revistas às mãos de quem desejasse pegar. Mais do que o Colégio Dom Bosco, mais do que a Universidade Católica, a Biblioteca Dom Bosco e sua organização, para quem sabe ver, é o monumento que realmente celebra o Pe. Félix Zavattaro, que eu conheci e admirei.

Pe. Antônio Secundino de Castro

Conheci o Pe. Félix no início do ano 50 mais ou menos, em Campo Grande-MS. Tinha vindo de Goiânia-GO. A nossa Inspetoria, certamente por ordens superiores entregou, naquela época à Inspetoria de Belo Horizonte, o Ateneu Dom Bosco e Silvânia. Dado este fato, a maior parte dos salesianos que estavam lá veio para Mato Grosso. Entre estes que vieram estava também o Pe. Félix que era diretor do Ateneu Dom Bosco. Em Campo Grande, Pe. Félix foi nomeado Diretor do Colégio. Recém-chegado de Goiânia, lembro-me de ter ouvido uma boa noite dada aos alunos do Colégio, no início do ano letivo. Ele se mostrava um tanto desolado com aquela entrega em Goiânia e se sentia como um náufrago salvo e numa ilha: impressão que me ficou.

Para mim, Pe. Félix mostrou-se sempre muito atencioso, alegre e sorridente. Em Goiânia tinha sido diretor de um irmão meu mais novo a quem parecia estimar muito. Talvez foi este particular que ajudou a nos relacionar com maior conhecimento em nossos primeiros encontros.

Deixou-me a impressão, na década de 50, de um dinâmico diretor que, à frente de outros tantos salesianos de grande valor, heróicos e arrojados, deu início à gigantesca obra do Colégio Dom Bosco; uma obra “mastodôntica” foi dito na época.

A construção, incluída a torre majestosa, alta e imponente do Colégio, fez com que se destacasse e pusesse em enorme evidência a obra Salesiana em Campo Grande.

Quando eu ainda estudava na Lapa em São Paulo, Pe. Félix passou por lá algum tempo como professor; trabalhou também em atividades de divulgação. Era estimado pelos estudantes de teologia que o admiravam muito pelo seu dinamismo. Deixou-me a impressão ainda, que era um grande empreendedor, um grande líder, um homem de visão ampla e avançada em direção ao progresso com projeção ao futuro.

Tinha paixão para Biblioteca e livros.

Pe. Sebastião Paniago Vilela

Eu trabalhei no Dom Bosco quando o Pe. Félix estava tomando conta da Biblioteca e se dedicava corpo e alma a esta atividade para implantar e organizar a Biblioteca do Dom Bosco de acordo com os padrões mais sofisticados.

Eu vi nele a constância, a paciência e a dedicação de um salesiano que dá tudo para a causa, em silêncio e sem tanto alarde.

Admirei nele também a prudência em intervir nos diálogos durante as reuniões.

Ele propunha sua posição e belamente corrigia a posição dos outros se fosse necessário.

Foi sempre educado e fino nas suas maneiras de tratar.

Se vale a afirmação de São Francisco de Sales que as boas maneiras são a fina flor da caridade, então o Pe. Félix era profundamente caridoso.

Afinal era um trabalhador silencioso e gentleman.

Pe. Luís Marconetti

Pe. Félix foi para mim um exemplo de salesiano engajado numa escolha de vida comprometida de verdade, para o bem da juventude, em modo especial no ensino.

As notas boas que dava sempre a todos os alunos, serão as notas excelentes que Dom Bosco terá apresentado ao Pai para premiar este nosso querido irmão.

Pe. Bruno Pedron

“...é comum ouvir da boca de ex-alunos que voltam para visitar o colégio, afirmações como esta: “O Pe. Félix era como um pai”.

Chamava a cada um em particular e se informava de tudo.

A gente saía de seu escritório com a sensação de estar na própria casa”.

Pe. Silvio Sartori

Na edição comemorativa dos 50 anos do Colégio Salesiano Dom Henrique” de Lins-SP o Dr. Cleómenes Nunes da Cunha ilustrou a figura do Pe. Félix com um artigo do qual tiramos alguns tópicos.

Diretor com “D” maiúsculo

“Dentre aqueles que, com honra, proficiência, entusiasmo e dignidade comandaram o Colégio Salesiano Dom Henrique, ao longo de seus cinquenta anos de existência, destaca-se, o reverendíssimo Pe. Félix Zavattaro.

Falar sobre esse homem, onde somente encontramos virtudes e uma vida inteira dedicada ao trabalho, torna-se difícil, nos levando a profundas reflexões a fim de escolhermos apenas os mais importantes fatos de sua fecunda existência.

Difícil escolher o que ressaltar na personalidade maravilhosa de Pe. Félix: seu amor pelo trabalho dos irmãos salesianos que, como Diretor, sempre soube incentivar e prestigiar? seu devotamento às aulas de que se incumbia de ministrar? sua dedicação aos alunos, dos quais, na qualidade de Diretor, se julgava como pai? sua lealdade e companheirismo dedicados aos leigos que o ajudavam nas tarefas de condução das unidades escolares? seu exemplo marcante de sacerdote e, sobretudo de salesiano? sua vontade de fazer projetar sempre, e cada vez mais, a obra salesiana?

Não é, como se pode ver, tarefa fácil.

O curto lapso de tempo que Pe. Félix passou em Lins marcou de forma indelével a sua passagem por essa cidade, fazendo com que o Colégio Salesiano, em tão curto espaço de tempo, dobrasse o número de alunos, graças a um trabalho contínuo de dedicação de toda uma equipe que, sem poupar esforços, reconhecia e coadjuvava, com dedicação e entusiasmo invulgares, o trabalho daquele que para eles sempre simbolizou a presença de Dom Bosco no centro das decisões.

Seu tempo, embora escasso - via de regra recolhia-se após a meia-noite e antes das quatro horas já estava de pé - era dividido generosamente com a comunidade: assim, além de seus afazeres como sacerdote, dedicava-se ao magistério também na Faculdade "Auxilium" de Filosofia (mantida pelas Irmãs Salesianas) e mais que isso, preocupava-se em tão bem ministrar a sua "história da filosofia" que não se furtava a preparar - ele próprio - apostilas destinadas a seus acadêmicos e que hoje, por certo, constituem-se em valioso acervo para aqueles que nesse campo se iniciam.

Seu trabalho, à frente do Colégio Salesiano Dom Henrique foi, sem dúvida alguma, precursor de uma nova fase na vida dos salesianos em Lins. Sua dedicação, entusiasmo e vontade de fazer crescer a obra salesiana, serviram não só como marco de uma administração, mas como exemplo do que pode a vontade, a dedicação, o entusiasmo e o desprendimento de um homem, realizar quando tudo está calcado na premissa maior de se fazer alguma coisa em nome de um ideal (Salesiano=Dom Bosco) e voltado ao bem comum".

Dr. Cleómenes Nunes da Cunha

"Recordo com saudosa veneração o Padre Félix Zavattaro, que foi meu professor de teologia Dogmática nos quatro anos que passei no Estoril, de 1942 a 1946.

Ele tinha chegado havia pouco de Roma juntamente com o seu colega, Pe. Sersen, ambos desejosos de voltarem para o Brasil, onde tinham estado como clérigos. Os superiores, porém, havendo necessidade de professores para o novo estudantado de Teologia do Estoril (criado às pressas devido à impossibilidade de os estudantes irem freqüentar a Teologia no estrangeiro), dispuseram que ficassem a lecionar no Estoril. O Pe. Zavattaro tinha apenas acabado de formar-se em Teologia, pelo que lhe coube lecionar essa disciplina.

A lembrança que dele conservo é de um salesiano responsável, alegre e muito empenhado na missão de ensinar, para a qual experimentava uma certa dificuldade (que não escapava a nós estudantes...), devido à surpresa da obediência que lhe tinha caído em cima e para a qual não se sentia devidamente preparado. No entanto, não dava parte de fraco, mas enfrentava a situação com coragem e otimismo impondo-se aos estudantes pelo brilhantismo da exposição, que se notava ser fruto de cuidada preparação.

Lembro-o zelante na pregação; amigo de criar bom ambiente na comunidade. Falava com entusiasmo do Brasil e sonhava voltar para lá logo que os Superiores o tivessem dispensado do ensino no Estoril.

Por fim, lembro-o particularmente porque assistiu-me, no altar, quando celebrei a minha primeira missa, a 17 de março de 1946, na Capela da Senhora D^a Antônia, uma senhora benfeitora da nossa obra no Estoril, onde ele ia celebrar todos os domingos”.

Pe. Heitor Calovi
Lisboa - Portugal

“Causou-me profunda consternação a notícia do falecimento do saudoso, inteligente, dinâmico e bom Pe. Félix Zavattaro.

Trabalhou em Portugal de 1941 a 1947. Foi um dos obreiros mais distintos do Instituto Teológico, aberto pelo saudoso e bom provincial Pe. Hermenegildo Carrá, a quem a Província Salesiana portuguesa -Corporação Missionária, muito ficou a dever.

O Pe. Zavattaro, terminado o curso Teológico na Universidade Gregoriana em Roma em 1941, não podendo regressar à sua Inspeção do Brasil por causa da 2^a guerra mundial, veio a dar o seu precioso contributo na formação dos nossos candidatos ao sacerdócio - estudantes de filosofia e teologia-. Salesiano ativo e exemplar, professor cuidadoso e responsável em preparar as aulas de Dogma e Sagrada Escritura, ajudou muito os alunos.

Fui seu aluno e admirador. Em geral, as aulas de Dogmática eram em latim. Numa visita do Diretor Geral do Ministério do Ultramar fui convidado a expor na língua do Lácio uma tese.

Organizava conferências de atualização. Foi diretor escolar ou conselheiro durante 4 anos. Tendo sido interrompido o Boletim Salesiano em Português - impresso em Turim até inícios de 1941, começou a publicar-se uma humilde revista “Dom Bosco” para o substituir. O Pe. Zavattaro assumiu a direção e foi chefe de redação em 1943-1945. Tornou-se uma revista que atingiu 15.000 exemplares. Médicos, advogados, ministérios, recebiam-no e faziam propaganda da obra salesiana. O Pe. Félix era um espírito esclarecido que via o futuro”.

Pe. Armando da Costa Monteiro
Évora - Portugal

“O Pe. Félix Zavattaro prestou um serviço muito valioso a esta casa, que devido à guerra se viu na necessidade de dar ensino e formação aos estudantes de Filosofia e Teologia da Inspeção Portuguesa.

Era um ótimo professor e conselheiro escolar.

Tendo invejável domínio da língua portuguesa e uma extraordinária riqueza de vocabulário, às vezes divertia-se e divertia-nos usando termos raros e difíceis.

De vez em quando mandava-me informações e prospectos sobre a Universidade que ele tanto amava. Foi para mim uma grande alegria saber que esta Universidade o tinha feito Doutor “Honoris Causa”.

Era um colega dedicado, ajudando em tudo os outros irmãos e alunos que passados cinquenta anos o lembram com saudades .

Pe. Francisco Pippan
Estoril - Portugal, 07/01/1997

Agradeço de coração os irmãos que nos ajudaram a conhecer melhor e mais profundamente a pessoa e a personalidade do Pe. Félix.

Temos muitos motivos para agradecer a Deus o dom precioso que fez à nossa comunidade na pessoa do Pe. Félix.

Um sacerdote que conviveu com ele muitos anos dizia: “Nunca saiu de sua boca uma palavra que pudesse ofender alguém”.

Acreditamos que o Pe. Félix já tenha recebido o prêmio do “servo bom e fiel”. Todavia continuemos a rezar por ele e também por esta comunidade religiosa empenhada em levar adiante a obra de Dom Bosco, nesta cidade.

Pe. Giuseppe Crevacore
Diretor

Campo Grande, 31 de Janeiro de 1997

A Comunidade Salesiana do Colégio Dom Bosco
Campo Grande - MS

Dados para o Necrológico

Pe. Félix Zavattaro

* Borgo San Martino (AL) - Itália, a 12/05/1914

+ Savona - Itália, a 23/10/1996

aos 82 anos de idade,

57 de sacerdócio

e 65 de profissão religiosa.